

Desencontros e ambiguidades: a busca do Outro na era do Eu

Elsa Guedes Teixeira¹

Esta comunicação insere-se no âmbito de um trabalho de investigação (que decorreu entre Novembro de 1998 e Dezembro de 1999), tendo como pano de fundo o tema da solidão e das sociabilidades na viragem do século e cujo objecto de estudo consistiu na análise de três formas encontradas pelos actores sociais para comunicar: anúncios pessoais publicados numa revista, uma associação promotora de encontros entre pessoas livres (Porto) e linhas telefónicas de ajuda (Coimbra e Lisboa).

O quadro teórico foi problematizado em função da teoria de Giddens sobre a Modernidade Tardia, assim como da análise dos movimentos demográficos e das recomposições familiares, dando grande relevo à emancipação feminina nas relações entre os géneros, não esquecendo a importância da relação pura (Giddens), do novo modelo de vida privada (Kaufmann) e do neo-tribalismo (Maffesoli).

Introdução

Que significados encerra a expressão *desencontros e ambiguidades* numa investigação de âmbito sociológico sobre a solidão?

É possível estudar sociologicamente algo de carácter tão subjectivo?

A linha de raciocínio comum no estudo deste fenómeno *social* consiste, não raras vezes, em traçar a sua diacronia de forma a que a questão de partida seja colocada nos seguintes termos: há mais solidão nos nossos dias ou, pelo contrário, nunca estivemos tão próximos?

De início também não soubemos escapar a essa sede do rótulo e da classificação criada pelo pensamento dicotómico que se tornou fonte de múltiplos desencontros com a realidade e de uma grande perplexidade.

À medida que aprofundávamos os conhecimentos era a própria pergunta de partida que se transformava em pergunta de chegada de novas preocupações mais refinadas: somos cada vez mais ilhas isoladas, oásis de afectos num deserto de anonimato ou arranjam formas válidas de encontros virtuais? Que novas formas de afectos conhecemos?

A argumentação principal deste estudo é simples: as pessoas aparentam ter saudades do modelo que ajudaram a destruir. Mas atenção: os que recusam algumas características das diferentes *tribos* que temos no presente não querem voltar ao passado da vizinhança indiscreta, do mundo sem comunicação à escala global, da forte dependência de alguns grupos sociais relativamente a outros, como é o caso das mulheres e dos jovens.

Por outro lado, foram estudados os *desencontros* daqueles que buscam a alma gémea ou alguém com quem partilhar a vida, mas que, até hoje, não foram bem sucedidos. Por isso mesmo o nosso objecto de estudo foi a análise de uma iniciativa da *Notícias Magazine* intitulada “Quem Quer Casar com a Carochinha?” que, durante sensivelmente um ano, publicou anúncios de pessoas que estando sós ou sentindo-se sozinhas, procuravam companhia. Para além disso, estudou-se uma associação promotora de encontros entre pessoas livres e das linhas telefónicas de ajuda. O nosso objectivo ao conhecer estas realidades foi o de apreender diferentes formas de combate à solidão.

Entretanto, paralelamente a essas questões tentou verificar-se o peso das expectativas familiares e do grupo de amigos no estabelecimento de relações “normais”, o desfazamento entre a vida real e os desejos e esperanças criadas

¹ Instituto de Sociologia F.L.U.P. ; e-mail: elsateixeira75@hotmail.com

pelos Mass Media, as diferenças de género existentes relativamente às representações de solidão, de viver só, e de homem/mulher ideal.

2. Como se Apreendeu a Ambiguidade nos Encontros com a Realidade

A população escolhida para análise foram os participantes da Iniciativa da *Notícias Magazine*, “Quem Quer Casar com a Carochinha?”, (que teve o seu início a 23 de Novembro de 1997 e terminou a 28 de Dezembro de 1998). Assim, foram contactados por carta 311 indivíduos, responderam 79, sendo que deste número foram apenas aproveitadas 73 respostas.

Os textos da Iniciativa (consideramos apenas 542) foram alvo de uma análise de conteúdo quantitativa no programa informático *S.P.S.S.(Statistical Package for Social Sciences)*.

A escolha do inquérito por questionário fundamentou-se em questões práticas de deslocação e também de segurança para o investigador (e não por motivos principais de quantificação), por isso mesmo, colocamos um número razoável de questões abertas no inquérito.

Recebemos 59 inquéritos - resposta, sendo que válidos consideramos 56.

Para o tratamento estatístico da informação dos inquéritos utilizou-se o *S.P.S.S. – Statistical Package for Social Sciences* e realizou-se uma análise de conteúdo quantitativa às respostas das questões abertas do inquérito.

Realizamos duas entrevistas directivas com voluntárias da Linha S.O.S. – Voz Amiga e uma entrevista com uma voluntária da Linha S.O.S. – Estudante em Coimbra.

Entretanto, tomamos conhecimento, no decorrer do trabalho, da existência da Associação Promotora da Comunicação entre Pessoas Livres *O Solum*, onde realizamos cinco entrevistas directivas.

Após termos recebido os inquéritos, decidimos realizar entrevistas semi-directivas de aprofundamento da problemática de Giddens sobre a Modernidade e a Identidade Pessoal aos participantes da Iniciativa. A análise de conteúdo destas entrevistas foi de tipo qualitativo.

2. Encontros e Desencontros Teóricos

2.1. O paradigma científico-epistemológico orientador desta pesquisa foi o construtivista, i.e., partiu-se do pressuposto da leitura do mundo social como construído quer por aqueles que o estudam, quer por aqueles que o produzem, tendo presente que os primeiros também fazem parte dos segundos. É neste quadro que Giddens se torna um autor fulcral.

Desta forma, as três sensibilidades por ele teorizadas (histórica, crítica e antropológica) prendem-se com a ideia, que adoptamos totalmente, de que na Modernidade Tardia nenhum tipo de saber equivale a certeza ou dogma; antes, prevalecem a instabilidade e a reflexividade contínuas sobre as práticas sociais, mas também, e sobretudo, sobre as teorias e metodologias sociológicas que tantas vezes têm influenciado o desenrolar das primeiras.

Assim, afirmamos que não concebemos visões unilineares ou catastróficas acerca da solidão, das sociabilidades e das suas estratégias no quotidiano da Modernidade.

Poder-se-á pensar: na história da humanidade sempre houve mudanças, então, o que distingue as da Modernidade Tardia em particular? O seu ritmo – rapidez extrema, o seu alcance – global, e a própria natureza das instituições modernas, ou seja, o facto de algumas formas sociais modernas nunca terem existido em períodos anteriores.

A mais importante dimensão da Modernidade seria a penetração da *reflexividade* na vida pessoal e institucional aliada ao distanciamento espaço-temporal, que acarreta consigo os fenómenos da *descontextualização/deslocalização*.

Mas a Modernidade é um fenómeno com duas faces: a diurna, a das oportunidades e a das sombras. Veja-se o exemplo da solidão: conquistou-se um espaço longe do forte controlo ecológico dos vizinhos e da parentela, o indivíduo encontra-se livre daqueles constrangimentos, com possibilidade de contactos a qualquer hora e para virtualmente qualquer lugar à face do globo e, todavia, continua a existir solidão e isolamento.

2.2. A ideia comum, veiculada até mesmo por alguns teóricos, é a de que hoje o Homem está só como nunca antes na sua história. A época presente é associada à perda de algo e ao saudosismo desse algo que se perdeu e que a maior parte não consegue definir de forma clara. A este propósito afirma Zeldin: *"A história que em geral nos contaram foi esta: no princípio, toda a gente vivia confortavelmente numa família ou tribo, as pessoas nem sequer sabiam o que era a solidão e não se concebiam a si mesmos como sendo indivíduos separados. Depois, de repente e há pouco tempo, essa "unidade" desfez-se. Agora temos não só uma epidemia de solidão a varrer o mundo, lado a lado com a prosperidade, como também, quanto maior for o nosso êxito, maior é a probabilidade de irmos a sofrer desse mal... que o dinheiro não consegue resolver".*²

A história está repleta de exemplos em que o fenómeno da solidão se fez sentir de forma mais ou menos acentuada. Assim sendo, a abordagem histórica permite-nos pôr em causa visões lineares acerca da evolução do fenómeno, uma vez que este foi assumindo características diferentes conforme o seu enquadramento social e temporal.

2.3. Outra questão pertinente para a análise do fenómeno da solidão é o confronto do conceito de comunidade *versus* o conceito de sociedade que tem feito correr muita tinta desde os primórdios da Sociologia. A distinção de Tonnies, entre outros, deu origem a outras dicotomias que têm pautado a discussão sobre o desenvolvimento dos colectivos industrializados e urbanizados (de acordo com a definição de Norbert Elias).

Para Giddens, o debate nos moldes anteriores não é fecundo, pois as diversas correntes confundem as diferentes acepções de comunidade, e reage aos autores que defendem a tese da impessoalidade da Modernidade afirmando que, em cenários pré-modernos, os contactos sociais eram baseados numa familiaridade relacionada com a limitação ao local de residência que raramente proporcionavam o grau de intimidade pessoal e sexual que hoje é possível.

A este propósito, Lipovetsky exprime-se da seguinte forma: *"(...)é menos a fuga perante o sentimento que caracteriza o nosso tempo de que a fuga perante os signos da sentimentalidade. Não é verdade que os indivíduos procurem um desprendimento emocional e se protejam contra a irrupção do sentimento; a esse inferno povoado de mônadas insensíveis e independentes, devemos opor os clubes de encontros, os pequenos anúncios, a «rede», todos esses milhões e milhões de esperanças de encontros, de ligações, de amor, que precisamente se realizam com cada vez mais dificuldade(...). Homens e mulheres continuam a aspirar tanto como antes (ou talvez nunca tenha havido até tanta "procura" afectiva como nesta época de deserção generalizada) à intensidade emocional de relações privilegiadas, mas quanto mais forte mais raro parece tornar-se o milagre fusional, ou, em todo o caso, mais breve."*³

² Theodore Zeldin, *História Íntima da Humanidade*, Lisboa, Teorema, 1994, p.63.

³ Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio*, Lisboa, Relógio d'Água, 1989, p.73.

Do argumento deste autor surgiu a nossa hipótese de que a procura de uma relação pessoal e íntima, e até, de uma relação que toque o idealizado (relações privilegiadas) esteja relacionada com o que ele chama de *época de deserção generalizada*, ou seja, a busca do Outro como um oásis numa era dos “poucos mas bons amigos”. O *Outro-refúgio* é alguém com quem se pode contar e partilhar numa sociedade por vezes pautada pelo stress e pela competição.

Como hipótese, pretendeu-se demonstrar que se existe essa sede de contacto então o problema está no ritmo avassalador das transformações, a que Giddens faz referência, e que ainda não permitiu ao indivíduo libertar-se de uma certa nostalgia (e por vezes o passado é mais idílico no presente) e ganhar consciência do leque de novas possibilidades que o rodeiam.

Em conclusão, a maior parte das comunidades tradicionais baseadas no forte controlo ecológico, nas relações de proximidade física, de parentesco e em valores que fomentem a dependência do indivíduo ao invés da sua autonomia estão a desaparecer. Nas sociedades industrializadas e urbanizadas tem-se vindo a assistir a uma progressiva emancipação e libertação da rede de parentes e vizinhos que controlavam e, tantas vezes, reprimiam o indivíduo. Para os defensores dos “bons velhos tempos” é, muitas vezes, necessário lembrar que o carácter romanceado da vida de outrora não passa disso mesmo, e que todas as épocas e, já agora, todos os locais, têm tonalidades negativas e positivas.

É claro que não pretendemos, nem o poderíamos fazer, negar as manchas de individualismo egocêntrico e o esvaziamento da subjectividade.

Todavia, a busca do Outro já começou. Embora em moldes mais liberais essencialmente fundamentados no respeito pelo espaço próprio e alheio.

2.4. Na sequência do que dissemos anteriormente, é imperativo discutir as diferentes noções de individualismo, no plural, e não categorizar como igual o que é distinto.

Um dos nossos objectivos é distinguir alguns dos seus significados e, ao fazê-lo, explicar de forma diferente os fenómenos sociais, não negando o que Michel Wieviorka chama de *sobre-exposições* causadas pela competitividade da vida económica moderna que gera ansiedade, o *culto da performance* para Alain Ehrenberg, ou quando a patologia emerge da rejeição e da exclusão de promessas da sociedade não realizadas, como é o exemplo de produtos ou serviços da sociedade de consumo.

Embora fale em privatismo (consequente da dissolução do lugar e da crescente mobilidade), Giddens refere-se ao cosmopolitismo e carácter público das áreas urbanas modernas, impossível nas comunidades tradicionais, chamando a atenção para a abertura do leque de possíveis e para a diversidade de oportunidades, contrariando as posições teóricas de autores como Lasch e Sennett.⁴

Ora, segundo Giddens é errado supor que a auto-identidade se torna cada vez mais narcisista, sendo o narcisismo um mecanismo psicológico e nalguns casos patológico resultante das conexões entre identidade, vergonha e projecto reflexivo do self. Giddens critica Sennett e Lasch pois considera que o crescimento das grandes organizações burocráticas e dos seus poderes arbitrários e a influência da produção de mercadorias que retiraria o controlo individual sobre a vida quotidiana não se desenvolvem sem resistência e são mais problemáticos do que estes autores pressupõem.

Assim, a vida social na Modernidade apresenta alguns paradoxos: empobrece a acção individual mas permite a apropriação de novas possibilidades, é alienadora mas os seres humanos reagem às circunstâncias opressivas. E, em muitos aspectos, os sistemas abstractos fornecem possibilidades de

⁴ As posições destes autores não serão aqui expostas. Sobre este assunto conferir Anthony Giddens, *Modernidade e Identidade Pessoal*, Oeiras, Celta Editora, pp.156-164.

reapropriação maiores do que as disponíveis nas culturas tradicionais. Exemplo disso são as relações puras nas quais os indivíduos estão a construir formas inovadoras de relação familiar, em que por vezes podem eclodir ocasiões de instabilidade.

A este propósito, Lipovetsky fala da nova lógica nas sociedades democráticas: o *processo de personalização*, um novo modo de socialização e individualização inédito e em ruptura com o dos séculos XVII e XVIII e que ele considera como uma segunda revolução individualista.

A base desta nova individualidade encontrar-se-ia na revolução das necessidades e na explosão da produção e do consumo de massa assim como na melhoria do nível de vida, no desenvolvimento dos lazeres, no crédito e na publicidade. Todos estes factores terão promovido um *“hedonismo de massa”* e a busca incessante de prazer.

Quanto às críticas acerca do consumismo, Lipovetsky contrapõe a acentuação das singularidades; a multiplicação de possibilidades *“destrói fórmulas imperativas”*, diversifica comportamentos e gostos.

No entanto, não deixa de referir os *males da autonomia*, ou seja, o declínio dos laços sociais, das estruturas familiares e das referências religiosas, favorecendo não raro todo o tipo de seitas, marginalidades sociais, comportamentos descontrolados e irracionais e a indefinição das opiniões.

Em relação à solidão, afirma que *“o tempo em que a solidão designava as almas poéticas e de excepção passou”*⁵ e que esse sentimento se generalizou. Fruto do processo de personalização o indivíduo pede para o deixarem só mas depois não o suporta.

Por seu lado, Michel Maffesoli também critica os mais pessimistas em relação à época que atravessámos: *“o individualismo, quer em si mesmo quer na sua forma derivada de narcisismo, é central em muitos livros, artigos e teses (...). Os chamados peritos, imperturbáveis pela cautela (...) disseminam uma sabedoria convencional e algo desastrosa sobre o retiro para o “eu”, o fim dos ideais colectivos ou da esfera pública. Há uma tendência para nos encontrarmos face a um tipo de doxa, que talvez não se venha a manter mas que é, apesar de tudo, amplamente aceite, e que no mínimo, tem o potencial de mascarar ou negar as formas sociais que se estão a desenvolver nos nossos dias”*⁶ e acrescenta *“tantas vezes insistimos na desumanização e no desencanto em relação ao mundo moderno e na solidão a que aquele conduz, que já não somos capazes de vislumbrar as redes de solidariedade que existem nele”*.⁷

Ao individualismo egoísta e narcisista devemos opor algo aparentemente paradoxal: um individualismo assente na necessidade do Outro, baseado na recusa do isolamento (no qual muitos se abrigam sob o pretexto da falta de privacidade), devido ao falhanço para muitas pessoas da superficialidade que pautava as suas vidas, tanto ao nível das relações de vizinhança como das de trabalho e, até mesmo nas relações de amizade e de convivalidade mais gerais como, por exemplo, assistir a eventos culturais ou tomar um café com amigos.

2.5. Uma das dimensões mais importantes da era em que vivemos é, sem dúvida, o poder de escolha do indivíduo e a sua capacidade e, em grande medida, a sua obrigação, de tomar decisões: o declínio das autoridades tradicionais a isso obriga.

Lipovetsky refere mesmo a omnipresença da escolha nos nossos dias: *“(...) o indivíduo é obrigado permanentemente a escolher, a tomar iniciativas, a*

⁵ Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio*, Lisboa, Relógio d'Água, 1989, p. 41.

⁶ Michel Maffesoli, *The Time of the Tribes*, Londres, Sage, 1996, p.9.

⁷ *Idem, ibidem*, p.72.

informar-se, a criticar a qualidade dos produtos, a auscultar-se e a testar-se, a manter-se jovem, a deliberar acerca dos actos mais simples."⁸

Elias diz a esse respeito que os indivíduos são confrontados com o ritmo crescente de alternativas e dispõem de um leque mais variado de escolhas, mas o corolário de tal possibilidade é que esta se transforma em obrigação e, paradoxalmente, nesse sentido não têm escolha.

Nestas situações de incerteza e variedade de escolha surgem as noções de risco e de confiança. A primeira é central numa sociedade que oscila entre o passado da tradição e o futuro incerto dos especialistas e do conhecimento pericial.

Não que a Modernidade seja mais arriscada do que épocas anteriores. O que aparece de verdadeiramente novo é a inevitabilidade do raciocínio em termos de avaliação dos riscos.

Outros teóricos como Ulrich Beck e Scott Lash debruçaram-se sobre a *Modernização Reflexiva* que definem como a capacidade crescente dos indivíduos e dos grupos aplicarem o seu conhecimento de uma forma crítica a eles próprios e às circunstâncias que os rodeiam.

As formas e laços sociais de outrora (classe social, família) foram substituídas por instituições como a moda, as políticas sociais e o mercado – institucionalização dos *padrões biográficos*, trazendo graves riscos.

Ora, à medida que ocorre o processo de individualização ocorre simultaneamente um duplo efeito: por um lado, as formas de percepção tornam-se privadas e a-históricas, no limite, como refere Beck, *"tudo gira à volta do eixo do ego pessoal e da vida pessoal"*.⁹ Por outro lado, a quantidade de oportunidades abertas à decisão do indivíduo está a aumentar: aparece a biografia auto-reflexiva, o *do-it-yourself*. Ao indivíduo é pedido um *"modelo vigoroso de acção na vida de todos os dias"*.¹⁰

A concepção deste autor têm muitos pontos em comum com a teoria de Giddens, autor que argumenta que nas circunstâncias da Modernidade Tardia o futuro é *colonizado* ou seja, o planeamento estratégico da vida permite simular as possibilidades e os riscos que o indivíduo enfrentará posteriormente ao tomar determinadas decisões no presente.

2.6. O tipo-ideal de relação pura caracteriza-se pela dissolução dos critérios externos sociais e económicos e pela sua existência apenas por aquilo que a relação em si poderá oferecer, pelo prazer da relação em si, o que provoca, na grande maioria das vezes, ansiedades e insegurança ao indivíduo, paralelamente a um sentimento de nunca estar totalmente satisfeito: *"No passado, o que os amantes mais recearam foi provavelmente a solidão. Porém, agora, a prisão no interior de uma relação estática tornou-se ainda mais preocupante. A sede por novas experiências, pelo desconhecido, pelos estranhos, é maior do que nunca"*.¹¹

Por outro lado, é uma relação organizada reflexivamente, baseada num questionamento contínuo para o qual contribuem artigos de jornais e revistas, especialistas, programas de televisão e rádio.

Para além disso, pressupõe um compromisso, que não significa *co-dependência*¹², mas sim, que cada pessoa esteja na relação autonomamente e segura do seu próprio valor e que aceite o facto das únicas recompensas da relação sejam inerentes a ela própria.

⁸ Gilles Lipovetsky, *A Era do Vazio*, Lisboa, Relógio d'Água, 1989, p.102.

⁹ Ulrich Beck, *Risk Society*, Londres, Sage, 1992, p. 135.

¹⁰ *Idem, ibidem*, p.136

¹¹ Theodore Zeldin, *op cit*, p.85.

¹² Co-dependente é o parceiro que por mais que se sinta insatisfeito numa determinada relação é psicologicamente incapaz de sair dela.

Naturalmente, este tipo de relações tem inerentes stress e tensões pois está sempre presente a possibilidade de dissolução.

Este novo tipo de relação envolve uma nova versão de amor, o *amor confluyente*. Este caracteriza-se principalmente pela substituição do desequilíbrio de género, presente no *amor romântico*, pela igualdade sexual para a qual muito contribuíram o feminismo, as variadas terapias e livros de auto-ajuda.

2.7. De acordo com Kaufmann, não existe Princesa Encantada, chamemos-lhe Bela Adormecida, equivalente ao Príncipe Encantado procurado pelas mulheres sós. Ora, pensamos que isso não será assim tão claro. Parece-nos vislumbrar uma procura bastante forte da mulher ideal por parte dos homens, afirmação que se tentou verificar. Mas, a nossa hipótese é a de que existem diferenças de género relativamente ao companheiro ideal ao nível das dimensões física e psicológica. Enquanto que o homem apontará mais características relacionadas com a capacidade de atracção física da mulher, pensamos que esta última referirá mais características psicológicas e valores morais do homem pretendido.

O que é, de facto, indiscutível é que enquanto a solidão masculina é pessoal, privada, a feminina é ao mesmo tempo pública já que põe em causa a estrutura da sociedade baseada na família tradicional onde a mulher aparece como dedicada ao lar e aos filhos. Por isso, tentou-se também verificar a hipótese que são as mulheres, mais que os homens a preocuparem-se com o *dedo acusador da sociedade*.

2.8. Relativamente às práticas culturais em geral, utilizou-se o quadro teórico de Madureira Pinto¹³ que faz um paralelo entre a relação com a cultura e o lazer e os espaços de produção/fruição cultural. Assim, relativamente à primeira, distingue entre a *criação*, a *expressão/interacção*, a *participação* e a *recepção/consumo*, muito ligadas a *práticas receptivas* (televisão, vídeo, rádio, computador, leitura) e a *práticas de abandono* (shopping, etc).

Estas relações com os produtos culturais diversificam-se consoante os espaços onde se desenvolvem no *espaço doméstico*, no *espaço colectivo (público e reservado)*, no *espaço organizado das sub-culturas dominadas e emergentes (espaço associativo e espaço tutelado)*, nas *indústrias culturais* e no *espaço institucionalizado da cultura cultivada (arquivo e criação)*.

Dito isto, entendeu-se como hipótese que as *práticas receptivas* no *espaço doméstico* e no *espaço das indústrias culturais* e as práticas no *espaço colectivo público* (nomeadamente passeios) serão as mais frequentes na população da Iniciativa.

2.9. Outra das dimensões estudadas foi a urbanização e as suas consequências ao nível dos relacionamentos entre os indivíduos. Jean Rémy e Liliane Voyé fazem uma crítica a autores clássicos como Simmel e a Wirth. Aqueles autores põem em causa o laço mecânico estabelecido entre uma determinada disposição espacial e um certo tipo de vida social fazendo intervir na análise do fenómeno urbano as variáveis *modelo cultural* e *estrutura social*.

Na sua obra *A Cidade: Rumo a uma Nova Definição?*, definem três tipos de situações com características específicas na apropriação do espaço: situações não urbanizadas, que se caracterizam por uma vida quotidiana com débeis possibilidades de deslocação e nas quais a mobilidade é conotada de forma negativa; situações de transição (regiões industriais) e situações urbanizadas que se definem por um *“processo em que a mobilidade espacial organiza a vida*

¹³ José Madureira Pinto, “Uma Reflexão sobre Políticas Culturais”, in *Dinâmicas Culturais, Cidadania e Poder Local*, Carlos Manuel Gonçalves (Presidente da Comissão organizadora), Lisboa, APS, 1994, p.768.

*quotidiana, o que supõe a possibilidade e a capacidade de ser móvel, assim como uma valorização da mobilidade*¹⁴

A partir destes três tipos a reflexão assenta em três eixos de problematização teórica: o impacto do espaço no sistema social, cultural e da personalidade. Desta forma, distinguem o sistema de personalidade da aldeia não urbanizada, da cidade não urbanizada, da industrialização, da cidade urbanizada e da aldeia em vias de urbanização.

O sistema de personalidade da cidade urbanizada, o mais relevante para o nosso estudo, sublinha o facto de o indivíduo já não depender do meio, tratando-se agora de se manter fiel ao seu projecto e à sua identidade. Aliás, este é um ponto comum com alguns dos autores que vimos atrás, como Giddens e até Lipovetsky.

Por outro lado, os autores referem que a trajectória do indivíduo não é feita no isolamento e que não é conveniente tomar como regra os casos críticos mais publicitados. Logo, o seu argumento, que nós partilhamos, é que há uma sobrecarga de possibilidades de contactos e informações mesmo se há alguma carência, por vezes, de relações capazes de fornecer uma base efectiva (todavia, são grupos nos quais se escolhe deliberadamente participar). Nesta cidade, a família de origem é vista como um grupo que assegura uma solidariedade a longo prazo e a de pertença tem uma grande importância afectiva mantendo porém, o sujeito o seu próprio projecto pessoal (algumas semelhanças com a relação pura de Giddens).

Estes autores não negam o pano de fundo de stress e competição que, segundo eles, leva muitas vezes a sustentar a segurança afectiva em pequenos grupos (o vulgar “poucos mas bons”). O indivíduo pode organizar-se segundo várias prioridades: a família, os pequenos grupos de lazer extra-familiares e a vida profissional. A vida social caracteriza-se por um fundo de anonimato e muitas vezes o indivíduo é forçado a recorrer a critérios externos de referência como o consumismo e a publicidade.

3. Desencontros e Ambiguidades: a Busca do Outro na Era do Eu

Por vezes parece que a Modernidade é uma loja de conveniência. Porque parece ser esse mesmo o conceito. Cada vez mais, a tendência é a da satisfação das necessidades imediatas do indivíduo. A qualquer hora. A qualquer preço. O reino das possibilidades está aberto toda a noite.

Que pode o aprendiz de sociólogo concluir desta época de privatização do público e publicitação do privado?

3.1. Tudo acontece sob a égide da dúvida e da escolha – a **reflexividade** da **Modernidade**, e dos grandes movimentos do **Capitalismo** e da **Globalização**, mas a emancipação da mulher tem um papel fundamental nas múltiplas transformações ocorridas, não só ao nível do relacionamento entre os géneros como ao nível do novo modelo de vida privada a solo.

As práticas subjectivas dos actores conjugam-se com as dimensões globais da **Modernidade. Sujeito e estrutura** combinam-se na explicação destes fenómenos.

3.2. Neste estudo, relativamente aos factores da sociedade moderna que propiciam a solidão, os indivíduos demonstraram grande preocupação relativamente à dissolução da família/ divórcio, ao egoísmo, aos estilos de vida nos grandes centros urbanos, à falta de tempo para estar com os filhos, à falta de diálogo e à competitividade na vida económica moderna, que, aparentemente, é um grande factor de ansiedade para os indivíduos. De facto, esta última,

¹⁴ Jean Rémy e Liliane Voyé, *A Cidade: Rumo a uma Nova Definição?*, Porto, Afrontamento, 1994, p. 65.

juntamente com o consumismo, as **sobre-exposições** de que fala Wieviorka, são conotadas pelos indivíduos que participaram no estudo de forma bastante negativa.

3.3. Todavia, as pessoas têm consciência que se as circunstâncias na Modernidade Tardia mudaram. Reconhece-se o isolamento mas também o que mudou para melhor e as novas oportunidades que vão surgindo. Há um acordo relativamente à maior possibilidade de escolha nos relacionamentos nos dias de hoje. Paradoxalmente, essa abertura do leque das possibilidades não tem feito diminuir a solidão dos indivíduos. É precisamente aqui que parece residir o núcleo da discussão. Como conceber que naquela que é, por excelência, a era das comunicações continue a existir solidão?

3.4. No mesmo sentido, relativamente às oportunidades de comunicação oferecidas pela Modernidade, parece haver um consenso relativamente ao facto delas serem positivas para os contactos sociais (a esmagadora maioria dos inquiridos concorda com a afirmação de que *“a época em que vivemos tem a vantagem de permitir uma maior possibilidade de escolha dos relacionamentos que seria inimaginável há umas décadas atrás.”*, quer em absoluto (42,9%), quer relativamente, (46,4%).), mas fica também claro que ainda não se traduziram numa melhoria qualitativa da aproximação entre as pessoas.

A dúvida e a incerteza pautam o dia a dia. *“À medida que vou caminhando cada vez tenho menos certezas”* dizia-nos uma entrevistada. Confirma-se o argumento de Norbert Elias: num certo sentido o indivíduo não pode optar entre escolher ou não escolher – essa é única escolha que lhe está vedada.

De uma forma geral pode-se concluir que as pessoas têm noção das potencialidades da Modernidade, das possibilidades que esta oferece e também dos seus riscos. Todavia, ainda é ambígua a forma como tudo isso é aproveitado em favor do indivíduo e o discurso mais frequente – o mais negativo – prende-se com a competitividade, o egoísmo e o consumo exagerado.

3.5. Por outro lado, o ritmo alucinante das mudanças e a possibilidade de opção torna a vida dos indivíduos muito mais complicada: a busca do seu ideal, da cara-metade, da mulher perfeita ou do Príncipe Encantado é disso exemplo: *“se tudo é possível (se as possibilidades são ilimitadas), porque não posso eu encontrar aquela pessoa?”*.

Por isso mesmo, quisemos saber se os *mass media* seriam considerados como os responsáveis por sonhos e aspirações irrealistas relativamente aos relacionamentos e se, por isso mesmo, estariam na origem de algumas frustrações relativamente ao Outro. Como afirma José Pacheco: *“O amor nos meandros do romance cor de rosa: estruturalmente, a literatura amorosa, de cordel, pulula nos quiosques das grandes urbes, quase indiferente ao progresso. (...) Muitas leitoras continuam a julgar que o casamento é um prolongamento inalterado e seguro da paixão amorosa, então ainda mais plena. A ser assim, o matrimónio é, na maioria das vezes, o desmoronar dos sonhos amorosos de muitas mulheres. A paixão avassaladora, os ósculos dos pés à cabeça, numa intensidade nunca antes experienciada.”*¹⁵

Assim, quisemos conhecer a opinião dos inquiridos sobre a seguinte afirmação: *“Os mass media (televisão, cinema) veiculam uma imagem do amor e da atracção que não existe na realidade.”* Mais uma vez, a maioria dos inquiridos está de acordo com esta afirmação, 41,1% absolutamente de acordo e 42,9% relativamente, valores que parecem comprovar o que atrás foi dito.

3.6. A ambiguidade relativa à procura do homem/mulher ideal é representada pelo desejo que alguém venha ao encontro do indivíduo que espera passivamente esse dia. A busca do ideal, do ser perfeito continua a ser para

¹⁵ José Pacheco, *O Tempo e o Sexo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1998, p.111.

muitos um objectivo. No entanto, o ser ideal é mais visionado em termos físicos para os homens. As mulheres dedicam mais a sua atenção a características como a cultura, a inteligência e a ternura e carinho.

Para os homens os dois factores mais importantes na pessoa ideal são a atracção física (32,5%) e a voluptuosidade e sensualidade (22,5%). Para as mulheres são a cultura média (46,2%), a inteligência e o carinho/ a doçura/ a ternura e a bondade, ambos com 38,5%.

Sobre este assunto é interessante analisar a seguinte constatação de Machado Pais: “Os tipos ideais de homem e mulher parecem corresponder a um binómio tradicional – que é ainda dominante – sintetizável no par «homem culto e poderoso»/«mulher bela e expressiva».”¹⁶ É curioso que se verifique neste estudo o mesmo tipo de resultados, excepção feita à característica “poderoso” ou a um dos seus sinónimos no caso dos homens, que poderá estar relacionado com a especificidade do universo de mulheres do nosso estudo - um elevado número de mulheres divorciadas e de mulheres solteiras que buscam o seu Príncipe Encantado, muitas delas referindo o seu desencanto face a relações anteriores, recusando determinadas características da imagem de dominância/autoritarismo do homem nas relações homem/mulher, colocando a sua atenção em características tão diferentes daquele protótipo como a confiança (46,2%), (e refira-se que nenhum dos homens mencionou esta característica como algo a encontrar na pessoa ideal), ou a honestidade e sinceridade (38,5%), mas também a importância da estabilidade económica (15,4%).

3.7. Por outro lado, os homens parecem estar a ter alguns problemas relativamente à emancipação feminina e, curiosamente, reagem de forma muito crítica ao imediatismo das relações sexuais, ao passo que as mulheres parecem estar mais orientadas para o tipo de relação pura.

Quadro nº I

“Os homens sentem-se intimidados pelas mulheres que têm uma grande independência, que têm sucesso e uma energia superior à sua.”

		Género	
		Masculino	Feminino
Absolutamente de acordo	fi	10	7
	%	25,0	50,0
Relativamente de acordo	fi	15	7
	%	37,5	50,0
Relativamente em desacordo	fi	10	0
	%	25,0	0
Absolutamente em desacordo	fi	5	0
	%	12,5	0

A grande maioria dos inquiridos (72,2%) concorda com esta afirmação, sendo que a totalidade das mulheres está de acordo contra 63% dos homens.

Parece inegável através da análise deste quadro que a emancipação da mulher ainda é algo que assusta os homens: “a igualdade é um elemento intrínseco na transformação da intimidade, como o é a possibilidade de comunicação. A raiva masculina contra as mulheres é hoje, numa medida substancial, uma reacção contra a auto-afirmação feminina em casa, no trabalho e noutros lugares. As mulheres zangam-se, por sua vez, com os homens devido

¹⁶ José Machado Pais (coord.), *Práticas Culturais dos Lisboaetas*, Lisboa, I.C.S., 1994, p.364.

*aos subtis e não tão subtis modos através dos quais eles lhes negam os privilégios materiais que reclamam para si próprias. Pobreza económica para as mulheres, pobreza emocional para os homens: é este o estado do jogo da relação entre os sexos?*¹⁷

Relativamente à maior liberdade, sobretudo ao nível sexual, hoje existente, existe algum acordo, de tom negativo, mas este acordo parece ter uma maioria masculina. É referida pelos homens a diminuição do lapso de tempo em que se conhece uma pessoa e se inicia uma relação sexual com ela.

A este propósito refere José Pacheco: “O homem moderno acaba por ser prisioneiro de todas as ambiguidades que o relacionamento com o outro género pode comportar. Não deixa de ter um enorme potencial, enquanto fonte de angústia, tomar consciência de que tanto pode conhecer uma mulher para quem o sexo não tem qualquer significado ou vir a relacionar-se com uma parceira, sexualmente agressiva, para quem o sexo é fonte de todos os prazeres (...).”¹⁸

Aparentemente, os homens não estão a conseguir lidar muito bem com as novas formas de relacionamento entre os géneros: “Para os homens é mais difícil inventarem outras formas identitárias pois, seguindo o pensamento dicotómico, a alternativa que resta é «inferior», feminina. São como aristocratas que depois de «perderem tudo» não sabem o que são.”¹⁹

Por tudo aquilo que foi referido, parece que as mulheres, num primeiro momento, vêm mais vantagens na relação pura: elas “foram pioneiras de mudanças de grande e generalizável importância” que “dizem essencialmente respeito a uma exploração das potencialidades da «relação pura», uma relação de igualdade sexual e emocional(...).”²⁰ enquanto os homens aparentam estar confusos e inadaptados às mudanças: “Os homens são retardatários nas transições actualmente em curso – e têm-no sido em certa medida desde o século XVIII.”²¹

Analisemos de seguida qual dos dois sexos mais está disposto a viver sozinho e até onde era capaz de ir para que isso não acontecesse: os homens inquiridos admitem de uma forma bastante expressiva (e superior às mulheres) que preferiam qualquer tipo de relação a estarem sozinhos (24%), que se deve manter uma relação a todo o custo (11%) e, de uma forma mais equilibrada com a opinião das mulheres, o facto de já se terem envolvido em relações insatisfatórias na esperança que essa pessoa mudasse – 76% dos homens e 60% das mulheres.

Provavelmente, a este comportamento estará relacionado o mesmo fenómeno do menor grau de sobrevivência do homem viúvo, a *solidão bruta* a que Kaufmann se refere a propósito do sexo masculino. A questão fundamental parece ser se se trata de uma ausência mais sentida em termos práticos (vida do dia a dia) ou sobretudo em termos emocionais.

3.8. As transformações atingiram também o casamento. O divórcio em Portugal tem vindo a aumentar, em resultado das mudanças nos comportamentos e representações sobre a vida familiar baseados no aumento da autonomia e liberdade do indivíduo, mas também graças à emancipação feminina, (para a qual muito terá contribuído a generalização da utilização da pílula e de outros contraceptivos) emancipação essa que se materializou na expansão do trabalho

¹⁷ Anthony Giddens, *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta, 1995, p.103

¹⁸ José Pacheco, *O Tempo e o Sexo*, Lisboa, Livros Horizonte, 1998, p.217.

¹⁹ Miguel Vale de Almeida, *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*, Lisboa, fim de Século, 1995, p.243.

²⁰ Anthony Giddens, *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor e Erotismo nas Sociedades Modernas*, Oeiras, Celta, 1995, p.1.

²¹ *Idem, ibidem*, p.39.

feminino fora de casa e na conseqüente menor dependência das mulheres face ao casamento como forma de sobrevivência já que “(...) *se têm mais capacidades, mais margem de manobra, se estão mais longe das situações de forte constrangimento económico e social, tenderão mais facilmente a defender valores da maior autonomia, tolerância e liberdade pessoal.*”²²

De acordo com Anália Cardoso Torres, o divórcio tornou-se mais frequente porque mudou a forma de encarar o casamento que é agora percebido como uma relação que dura enquanto for compensadora para as partes envolvidas (relação pura - Giddens).

Relativamente à população estudada, o divórcio, a separação ou um dos anteriores conjugados com outras situações de ruptura são situações bastante frequentes (39,9%). Poderemos talvez concluir daí a importância do divórcio no processo de reestruturação da identidade para as pessoas que participaram na Iniciativa.

Ora, a situação de pós-divórcio significa muitas vezes situações de solidão pois, para além da perda de uma relação afectiva importante para o sujeito, acarreta o rompimento de relações subsidiárias com outros casais e com a família do ex-cônjuge. Outras vezes, existe mesmo uma dependência simbólica da conjugalidade e a própria identidade social do indivíduo é baseada nessa união. Nestes casos o processo de separação torna-se ainda mais complicado.

Por outro lado, existem outros factores a ter em consideração: para muitos homens a situação mais frequente é o estabelecimento de uma nova relação conjugal, por vezes cortando laços com a família anterior, enquanto algumas mulheres têm dificuldade em iniciar novos relacionamentos, também devido ao facto de ficarem com a guarda dos filhos e sentirem necessidade de os proteger.

A tudo isto acresce que também ao nível do divórcio a origem social tem implicações diferentes. Assim, no estudo de Anália Cardoso “*as divorciadas que encaravam com menor dramatismo e com mais à-vontade a situação pós-divórcio eram aquelas que dispunham de maior independência económica, que se situavam em sectores sociais onde o divórcio é mais frequente e que eram também mais novas.*”²³

3.9. A maior parte das pessoas que participou nesta investigação relacionava a sua solidão mais com a ausência de uma relação pessoal íntima, originada, não raras vezes, em situações de divórcio/rompimento de relações ou mesmo pela ausência temporal destas.

Nesta situação, a mulher a solo ainda é alvo de muitos preconceitos não só dos homens como das outras mulheres. Ela é considerada por muitos como mais perigosa e frustrada que os homens na mesma situação. Analise-se as respostas à questão relacionada com as características da mulher/homem solteiros: para a mulher solteira as características mais referidas foram independente (77,8%), frustrada (40,7%) e excitante (37%).

Em relação ao total do sexo feminino que respondeu, a “frustração” foi a segunda característica mais importante com 60%, enquanto que para os homens essa característica foi a terceira mais importante (33%).

Os homens referiram ainda outras características da mulher solteira que não foram indicadas pelas mulheres: o facto de ser perigosa (7,7%), a ser evitada (7,7%), e infeliz (apenas um homem a mencionou).

Em relação ao homem solteiro, as categorias mais referidas foram: independente (77,8%) - igual à percentagem em relação à mulher solteira, frustrado (37%) - percentagem ligeiramente inferior à feminina - e experiente (31,5%), contra 25,9% em relação à mulher solteira. Verifica-se, portanto, que apesar da independência ter sido referida para ambos os sexos em primeiro lugar,

²² Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos*, Oeiras, Celta, 1996, p.9.

²³ Anália Cardoso, *op cit*, p.183.

e com a mesma percentagem, a característica “frustração” apareceu com valores diferentes em função do género. Assim, a percentagem de frustração atribuída à mulher a solo é maior do que a atribuída ao sexo masculino. Para além disso, são as próprias mulheres a colocar essa característica em 2º lugar, o que pode significar uma convicção extremamente enraizada relativamente à mulher só.

3.10. Quisemos ainda conhecer as representações face ao início de uma nova relação para um homem e para uma mulher, tendo em conta que no caso do divórcio há uma assimetria sexual relativa à manutenção do estatuto de divorciado já que as probabilidades de voltar a casar são maiores para os homens. Nesse sentido, questionamos para quem seria mais fácil arranjar outra pessoa depois do fim de uma relação, um divórcio ou uma viuvez, uma vez que eles “(...) *tendem a estar em posição mais vantajosa na situação pós-divórcio no que toca, sobretudo, à maior disponibilidade para recompor a sua vida sentimental e amorosa. Contribui certamente para esta situação o facto de serem as mulheres a ficar em geral com a guarda dos filhos e o de os homens terem um mercado matrimonial mais alargado.*”²⁴

A maioria dos inquiridos disse que era indiferente, para 25% é mais fácil para um homem e para 23,2% é mais fácil para uma mulher. Ora, curiosamente estes valores tão próximos adquirem um novo significado se considerarmos as respostas em função do sexo dos indivíduos. Assim, enquanto 14,3% dos homens respondeu que era mais fácil para um homem, esse valor aumenta para os 57,1% quando são as mulheres a responder (aliás, só existe uma única mulher que afirma ser mais fácil para o sexo feminino). Também são eles, mais que elas, a responder que é indiferente (respectivamente 55% e 40%).

Desta forma, parece confirmar-se o que acima ficou dito acerca da discrepância de oportunidades entre os sexos para recomeçar uma nova vida a dois, discrepância essa mais apontada por quem a sofre.

3.11. Outra diferença flagrante em relação aos dois géneros está relacionada com a percepção da sexualidade. Assim, quando foi pedido aos inquiridos para apontarem as consequências mais importantes de não ter um companheiro, 90,9% respondeu não partilhar a vida com alguém, 58,2% não ter relações sexuais e 52,7% ver toda a gente com alguém e estar sozinho.

Ora, em relação ao género dos indivíduos, a consequência mais importante para as mulheres é o facto de não partilharem a vida com alguém (92,9%), assim como para os homens (90,2%), mas estes últimos sentem-se mais preocupados relativamente ao facto de não terem relações sexuais (65,9%), contra 35,7% das mulheres que colocam como segunda preocupação principal o facto de irem a lugares públicos sozinhas.

Por outro lado, não é de estranhar que a segunda consequência mais importante de não um companheiro, para as mulheres, se prenda com o facto de ter de ir a lugares públicos sozinho, devido ao *stress* que esse simples acto acarreta para elas. Com efeito, o *dedo acusador da sociedade* é particularmente mais perturbador nessas situações, fazendo uma distinção clara entre as que pertencem ao *modelo de vida privada* e as que de alguma forma são percebidas como excluídas desse mesmo modelo. Dizemos excluídas porque, não raras vezes, a não pertença a esse modelo não é considerada como opção mas sim como algo que não se escolheu e que por fatalidade aconteceu. Também acontece que o estilo de vida dessas mulheres seja associado a uma espécie de libertinagem que põe em causa o casamento alheio. Assim surge a distinção da autonomia masculina em qualquer situação e da dependência feminina (quanto mais não seja, simbólica): *“Da multiplicidade de competências e de esferas de intervenção, incluídas no estereótipo masculino, resulta um modelo subjectivo de pessoa autónoma e internamente determinada, porque*

²⁴ Anália Cardoso Torres, *Divórcio em Portugal, Ditos e Interditos*, Oeiras, Celta, 1996, p.183.

*independentemente de qualquer função ou contextos específicos, enquanto que o estereótipo feminino traduz um modelo de pessoa condicionada às fronteiras de uma função social específica e orientada para contextos de interdependência afectiva ou sexual.*²⁵

3.12. Enquanto as mulheres tendem a desvalorizar discursivamente a importância da(s) sua(s) experiência(s) sexual(ais), os homens tendem a fazer o contrário – comprova-se a existência de um duplo padrão de sexualidade para homens e mulheres.

Outra forma de analisar esta tendência foi através da análise das respostas relativas ao principal sentido para a vida: o amor pelos outros (76,1%) é o mais referido, o segundo mais importante o amor dos outros (69,6%). Em terceiro lugar (47,8%), aparece a referência a uma vida sexual satisfatória.

Para os homens, as principais fontes de sentido da vida parecem ser o amor pelos outros (72,2%), o amor dos outros (66,7%) e uma vida sexual satisfatória (55,6%). Para as mulheres aparece em terceiro lugar a carreira(50%) e apenas em quarto uma vida sexual satisfatória mas com apenas 20%.

Estas percentagens podem ser comparadas com os resultados obtidos no Relatório sobre a Situação Actual da Família Portuguesa²⁶ em relação às representações acerca dos factores mais importantes para um bom entendimento do casal: enquanto a satisfação sexual é colocada pelas mulheres em quarto lugar (86,2%), os homens consideram-na como o 2º factor mais importante (91%).

Portanto, aparentemente, para os homens uma vida sexual satisfatória é mais importante do que para as mulheres. Este resultado pode ser problematizado de várias formas, tendo em conta que: *“as respostas a perguntas sobre práticas sexuais são muitas vezes projecções do que é representado como desejável e próprio, e não correspondem, de facto, às vivências. São, em suma, respostas muito marcadas pela construção social(...).”*²⁷

Assim:

- as mulheres poderão ter vergonha em admitir a importância de uma vida sexual satisfatória;
- os homens poderão sentir-se na obrigação de referir e exagerar essa importância, pelas mesmas razões sociais e culturais que baseia a atitude oposta nas mulheres.

Ou seja, trata-se do duplo-padrão de sexualidade para os homens e para as mulheres, que se caracteriza por uma sobrevalorização discursiva da vida sexual nos homens, protótipo da virilidade masculina, e nas mulheres uma imagem de recato e castidade, minimizando a sua experiência sexual.

Mas o(a) companheiro(a) não é a única dimensão importante na vida dos indivíduos: os amigos revelaram-se uma grande fonte de apoio emocional e quanto à família, apesar de algumas tendências mais alarmistas que afirmam o contrário, continua a ter um papel fundamental na vida do indivíduo, embora hoje em dia haja uma preservação da sua intimidade e privacidade.

Por outro lado, a família continua a ter um papel muito importante estando, no entanto, salvaguardada a privacidade do indivíduo. Tal como afirma Zeldin: *“É um tipo de fraternidade completamente novo, mais efémero, mais mutável e acidental, mas com menos probabilidades de ser asfixiante. Íntimos mas não demasiado, com cada um a manter um certo grau de independência”*²⁸.

²⁵ Lígia Amâncio, *Masculino e Feminino. A Construção Social da Diferença*, Porto, Afrontamento, 1994, p.68.

²⁶ Manuel Pantoja Nazareth (coord.), *Relatório da Situação Actual da Família Portuguesa*, Lisboa, D.E.F., 1993.

²⁷ Ana Vicente, *As Mulheres em Portugal na Transição do Milénio*, Lisboa, Multinova, 1998, p. 120.

²⁸ Theodore Zeldin, *História Íntima da Humanidade*, Lisboa, Teorema, 1997, p.383.

Relativamente às três dimensões mais importantes na vida dos indivíduos elas são: a vida familiar, em seguida a vida afectiva e, em terceiro o relacionamento com familiares mais próximos.

Quis-se também conhecer a importância que os indivíduos atribuem à família na sociedade em que vivem:

Quadro nºII

“A família na sociedade em que vivemos...”

	fi	%
Continua a ter grande importância	16	28,6
Continua a ter grande importância, mas agora as pessoas têm uma maior liberdade	20	35,7
Perdeu alguma importância, o que leva os laços sociais a romperem-se mais facilmente	17	30,4
Perdeu totalmente a sua importância	3	5,4

Juntando as duas primeiras afirmações (as que afirmam que a família continua a ter uma grande importância) elas somam 64,3%; dessas pessoas (35,7%), considera que a família continua a ter uma grande importância mas que as pessoas agora têm uma maior liberdade.

Estes resultados parecem ir ao encontro de outros estudos realizados. Assim, Ana Nunes de Almeida e Maria das Dores Guerreiro constata: “A família é representada, ainda, como uma entidade em que 83% dos indivíduos dizem confiar totalmente (...). Pondo em causa os presságios correntes de crise e mesmo de fim da família, encontramos na amostra um surpreendente e generalizado grau de satisfação com a vida familiar(...)”.²⁹

Também Adélia Costa afirma que no seu estudo: “a análise do conjunto de questões que focavam aspectos ligados à esfera da família, permite-nos afirmar que homens e mulheres continuam a defender empenhadamente o valor da família como algo de extremamente precioso, e a preservar acima de todas as coisas. Ela é o mais importante do mundo para mais de 80% da população(...)”.³⁰

Contudo, é preciso notar a grande percentagem de pessoas (30,4%), que no nosso estudo afirmou que a família perdeu alguma importância o que leva os laços sociais a romperem-se mais facilmente.

3.13. Apesar de em Portugal se começar a assistir a alguns movimentos associativos diferentes do habitual (como é o caso da Solum), o desejo de ter uma família permanece, mesmo para os membros desses movimentos, e apenas em alguns grupos, e de forma pontual, aparece a recusa total do modelo de vida privada existente. Ou seja, a média de idade relativa ao primeiro casamento pode aumentar, mas não diminui significativamente o desejo de casar que é apenas adiado.

3.14. O ar libertador também parece ter atingido as representações face à religião e a Deus. Em especial, no caso da primeira, há uma recusa cada vez maior da interferência da igreja na vida dos fiéis e um desejo de uma relação pessoal e directa com Deus. Neste estudo, 41,2% dos indivíduos inquiridos

²⁹ Ana Nunes de Almeida e Maria das Dores Guerreiro, “A Família”, in *Portugal: Valores Europeus, Identidade Cultural*, coord. Luís de França, Lisboa, I.E.D., 1993, p.185

³⁰ Adélia Costa, *Representações Sociais de Homens e Mulheres, Portugal, 1991*, Lisboa, C.I.D.M., 1992, p.35.

acredita em Deus e 27,5% afirmou a sua crença em Deus mas a sua desilusão com a Igreja.

Para além disso questionou-se se Deus e a religião eram considerados como saídas para a solidão:

Quadro nºIII

“Deus é uma saída para a solidão”

	fi	%
Sim	25	50
Não	25	50

Quadro nºIV

“A religião é uma saída para a solidão”

	fi	%
Sim	24	28,3
Não	36	71,7

Em relação aos dois quadros anteriores pode-se constatar que a ambiguidade em relação à crença em Deus é bastante forte: 50% dos indivíduos que responderam, consideraram Deus como uma saída para a solidão.

Já em relação à religião as respostas são mais claras: 71,7% das pessoas que responderam a esta pergunta não a consideram como uma saída para a solidão.

As mulheres (33%) consideram mais que os homens (26%) a religião como uma saída para a solidão. Em relação a Deus, os homens (52,6%) consideram-No mais como uma saída para a solidão do que as mulheres (41,7%). Assim, as mulheres aparentam ser mais conservadoras relativamente à religião que os homens.

O sentimento relativamente a Deus parece manter-se estável, apesar de acreditarmos que tenha sofrido algum decréscimo. Já em relação à religião parece-nos vislumbrar um decréscimo acentuado que cremos dever-se, sobretudo, à recusa da interferência da Igreja na vida dos fiéis.

3.15. Quanto às relações de vizinhança, elas pautam-se pelo desejo de privacidade e, sobretudo, pela indiferença quebrada pela ajuda quando acontece algo de grave. Não parece haver muitos locais de convívio nos locais onde os indivíduos habitam, mas também não parece haver grande pressão ou vontade para que venham a existir, talvez porque as relações de trabalho sejam mais importantes.

Com efeito, estas últimas são uma estratégia fundamental de combate à solidão. É no local de trabalho que a maior parte faz um grande amigo, e quando aí o ambiente social é agradável, o trabalho é considerado como uma fonte importante de diminuição da solidão do indivíduo.

3.16. Relativamente às práticas culturais dos indivíduos, e de acordo com a análise do quadro seguinte, confirma-se a hipótese que as práticas receptivas no espaço doméstico e no espaço das indústrias culturais seriam as mais frequentes nesta população.

Quadro nºV
Actividades de ocupação de tempos livres

	fi	%
Ir a festas	7	12,5
Passear	44	78,6
Ir a bares	13	23,2
Ir a discotecas	6	10,7
Pintar/desenhar/esculpir	7	12,5
Tocar música	3	5,4
Ouvir música	35	62,5
Ver filmes em vídeo	14	25
Ouvir rádio	23	41,1
Ir às compras	17	30,4
Praticar desporto	15	26,8
Ler	45	80,4
Ver televisão	45	80,4
Dormir	17	30,4
Ir ao cinema	27	42,2
Ir ao teatro	5	8,9
Ir à ópera	2	3,6
Ir a espectáculos de dança/música	7	12,5
Ir a exposições	15	26,8

Podemos constatar que ler e ver televisão são as ocupações mais frequentes (80,4%), seguidas de passear (78,6%) e ouvir música (62,5%).

As ocupações menos frequentes são: ir à Ópera (3,6%), tocar música (5,4%), ir ao teatro (8,9%), ir a discotecas (10,7%), ir a festas (12,5%), pintar/desenhar/esculpir (12,5%) e ir a espectáculos de dança/música (12,5%).

Ora, quase não parece de estranhar que com estas ocupações de tempos livres as relações de trabalho adquiram tanta importância nas relações sociais dos indivíduos e, por outro lado, que estes indivíduos se sintam tão sós. Aparentemente não buscam o contacto com outras pessoas através de práticas sociais que o permitam.

A este facto não serão alheias de responsabilidades as políticas culturais existentes e acreditamos que os sociólogos devem ter um papel na humanização dos locais e na abertura de novas possibilidades, quer ao nível de políticas de criação de infra-estruturas culturais e desportivas, quer ao nível da informação sobre as estruturas que vão sendo criadas e as já existentes. As lógicas subjacentes à criação de tais espaços, deverão ser de envolvimento dos actores sociais na criação, expressão/interacção e participação nas dinâmicas culturais.

Apontamento Final

Aparentemente as pessoas têm saudades do próprio modelo que ajudaram a destruir. O grande desencontro neste final de século acaba, paradoxalmente, por residir na mesma liberdade de escolha da qual nenhum indivíduo parece estar disposto a prescindir. Uma liberdade ainda não totalmente vivenciada devido às amarras que prendem a um passado ao qual tantos se agarram nos seus desencontros...